

Fundo criado pela Vale faz chegar ao governo riscos de devastação

Mineradora e empresas do grupo apoiam estratégias de conservação e uso sustentável dos recursos naturais. O Fundo tem presença mais forte hoje em Mato Grosso, Amazonas e Pará

TEXTO **ARISTEU MOREIRA**

João Ramid



Os objetivos do fundo são reduzir impacto onde a pecuária é principal atividade

Detectar áreas em que se iniciam desmatamentos ilegais e fazer chegar a informação para as autoridades sobre a iminência desse risco de devastação em um prazo que varia entre 15 e 30 dias no máximo, quando antes elas levavam entre quatro e seis meses para essa descoberta e providências — e, aí o desmatamento já havia sido feito de forma irremediável — é um dos principais resultados comemorados pelo Fundo Vale. Criado pela Vale e empresas do grupo para apoiar iniciativas estratégicas de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, o Fundo tem presença mais forte hoje em três Estados da Amazônia: Amazonas, Mato Grosso e Pará, mas acompanha a situação já nos 8 estados da região, ou seja, também no Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins. Além do acompanhamento, os projetos treinam pessoas para informar e atuar para coibir queimadas e outras práticas de desmatamento.

O Fundo Vale atua numa bem-sucedida parceria com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), organização que faz um levantamento paralelo ao oficial da devastação na região amazônica. A partir das imagens das áreas sob risco obtidas por radar (JERS-1) pelo sistema, e de sua fusão com dados le-



“Trabalhamos de forma a envolver todos os atores da sociedade”

Mirela Sandrini,
gerente geral do Fundo Vale

vantados por satélite (Landsat) que acompanha a região e a monitora ao longo do ano, é possível ter hoje um sistema de distribuição de informação.

Outra importante contribuição do sistema de monitoramento é para o uso adequado do solo nas atividades econômicas como a exploração madeireira, a agricultura e o desenvolvimento da pecuária. Graças a essa filosofia, acredita a gerente-geral do Fundo Vale, Mirela Sandrini, seu sistema de monitoramento teve sucesso, por exemplo, ao contribuir para estancar o desmatamento predatório em São Félix do Xingu (PA), apesar de o município ter como principal atividade econômica a pecuária e concentrar hoje um dos maiores rebanhos bovinos do país.

O trabalho, diz Mirela, não se restringe a identificar os pontos de pressão de desmatamento. “Trabalhamos na sistemática de disseminação das informações para que eles denunciem e provoquem a intervenção pública contra o desmatamento e pró-preservação das áreas”.

De acordo com as explicações de Mirela, o Fundo não apoia ações pontuais de uma determinada ONG ou instância de poder estadual ou municipal. “Trabalhamos de forma a envolver todos os atores da sociedade, tais como governos estaduais e municipais, cooperativas, sindicatos, ONGs, etc, em conjunto, porque uma das nos-

sas preocupações é que o trabalho não sofra descontinuidade quando das mudança de governos nos Estados, ou nos municípios ou nas direções dos demais órgãos e instituições parceiras”.

Embora acompanhe com seu monitoramento os 8 Estados da região amazônica, é no Pará que o Fundo Vale registra maior presença. Sua atuação está presente em São Félix do Xingu; nos 16 municípios do arquipélago do Marajó; na área da Calha Norte; e na chamada “Terra do Meio”, onde ajuda a consolidar e acompanha três reservas extrativistas, as de Irirí, Xingú e Riozinho do Anfrísio.

No Estado, Fundo Vale integra, também, o comitê gestor estadual do Programa Municípios Verdes. Com sua ação consolidada no Pará, o Fundo já programa uma segunda etapa de seu trabalho, a Operação Pan Amazônia, pela qual vai estabelecer parcerias para o monitoramento da floresta também nos outros países da Amazônia, as antigas Guianas, Venezuela, Colômbia e Perú.

“Não iniciamos este trabalho porque os diversos países possuem, marcos regulatórios e legislações diversas sobre a Amazônia. Não podemos comparar a evolução do monitoramento aqui com o existente e o estágio de desmatamento nos outros países da Amazônia. Temos de trabalhar com a especificidade de cada país”, diz Mirela.